A IMAGEM DE JESUS EM ATOS

Anízio Freire

Introdução:
Um caminho de salvação para todos

Se as igrejas cristãs vivem voltadas para defender seu poder temporal, esta postura produz e divulga a imagem de si mesmas. O que fizeram as igrejas históricas ao longo desses dois mil anos? Em nome de Jesus de Nazaré, em vez de somar forças para formar povo solidário e uma mente humana e espiritual, dividiram-se fazendo uso do nome libertador de Jesus para justificar suas teologias, formando no povo uma mentalidade individualista, devocionista, sem aquela percepção divina do valor imensurável de cada ser humano.

Muitas de nossas teologias não ajudaram as pessoas a serem mais conscientes com relação à sacralidade do outro; mas o outro, o diferente, foi sempre visto como inimigo. Por isso, fomos nos armando por dentro e por fora para enfrentarmos e combatermos "os inimigos da salvação". Será esse o contexto em Atos, onde cristãos e judeus estão se combatendo por causa da ressurreição de Jesus de Nazaré? De acordo com a divisão esquemática do livro, estamos abordando textos em que se mostra a vida dos primeiros cristãos em Jerusalém, provavelmente entre os anos 34 e 74 dC.

Mesmo que o livro tenha sido escrito mais tarde (provavelmente entre 80 e 90), o fato é que Lucas quer deixar claro que "o caminho da salvação", iniciado em Jerusalém, não é uma idéia pessoal ou grupal, mas uma pessoa histórica, chamada Jesus de Nazaré, que *andou por toda parte fazendo o bem* (At 10,38). As imagens ou títulos, em relação à pessoa de Jesus, surgiram do seu relacionamento com as pessoas na sua vida diária. Eles são reflexos de mentes abertas ao novo do Deus vivo na história. Tais mentes se deixaram tocar pelo amor, pelo jeito sensível e acolhedor daquele que viveu *fazendo o bem*.

Como obra literária, o livro dos Atos revela a intenção do seu autor: *mostrar o progresso do cristianismo, a partir de Jerusalém, o lugar de sua origem, até Roma capital do império*[1]. O crescimento da fé aparece como ação do Espírito num contexto histórico de uns cem anos, no qual o *Caminho da Salvação* estava sendo feito. Partindo de Jerusalém, esse *Caminho* chegou até Roma; mais tarde, por toda a Europa, e, depois, até nós. Agora são dois mil anos de cristianismo. Será que esse Caminho foi realmente para todos? Suponhamos que tenha sido. E por que aconteceu tanta divisão de caminhos e atalhos? O que isso reflete de fato? Não seria a "fragmentariedade" da mente com seus pontos de vista político, religioso e ideológico? O certo é que, ao longo desses dois mil anos, o nome de Deus e o nome de Jesus foram usados para legitimar nossos ataques agressivos e barbaridades contra "os inimigos da salvação". Dentro dessa extensão de tempo, mulheres, negros e índios foram barbaramente massacrados em nome da cruz salvífica. Tudo isso em nome de Deus. O nome é a essência de Deus. Esta essência é a vida de Deus para todos. Será que o cristianismo aprendeu mesmo a não usar o Nome do Senhor, teu Deus, em vão (Dt 5,11)?

1. GUNDRY, H. Robert. *Panorama do Novo Testamento*. São Paulo: Ed. Vida Nova, 1978, p. 239.

No início deste novo milênio, as Igrejas cristãs precisam fazer uma auto-avaliação muito séria no que diz respeito às suas posturas moralistas, discriminadoras frente aos povos que não chegaram a conhecer o *Caminho* por causa da insensibilidade dos agentes e obreiros da salvação. Se esses povos chegassem hoje e perguntassem às Igrejas do Caminho: de fato, o que significam para vocês seus próprios discursos de salvação? O que é mesmo salvação? Como entender a salvação na boca, a discriminação na mente, o ódio no coração e a violência nas mãos?

Penso que não basta dizermos que Cristo ressuscitou, quando o nosso relacionamento uns com os outros é uma negação daquilo que falamos. Proclamamos o *nome* de Jesus, mas em nossas relações cotidianas permanecemos ferindo com palavras, com indiretas e atitudes preconceituosas a interioridade dos nossos semelhantes. Proclamar em público que Cristo ressuscitou, e depois vivermos indiferentes aos nossos semelhantes, isso não passa de uma hipocrisia, porque o caminho do Ressuscitado não é um caminho idealístico, mas uma relação solidária de comunhão e participação onde ninguém discrimina a ninguém. Precisamos interiorizar em nós mesmos que esse *Caminho* não é uma crença, não é uma idéia, mas uma relação viva e existencial entre as pessoas no hoje divino. Por isso diziam os místicos da vida: *Cessem as palavras e falem as obras.*

O uso de palavras, como o nome de Deus e de Jesus, não provocou ainda uma mudança radical em nossa estrutura psicológica, porque esses nomes foram transformados em imagens, e transmitidos mecanicamente sob pressão. Onde há pressão não existe educação libertadora, nem relacionamento confiante. Imagens são fotografias da mente. As cores de um retrato dependem radicalmente dos conteúdos da mente consciente ou inconsciente. Elas se formam no processo de relação educadora ou repressora. Precisamos entender o que é mente e consciência, para percebermos o sentido das imagens que a Igreja primitiva produziu a respeito de Jesus de Nazaré.

Estamos no tempo das imagens. Toda imagem é criada pelo pensamento. Se o pensamento estiver condicionado por uma determinada tradição, ideologia política ou religiosa, certamente ele produzirá uma imagem deformada, que não é mais a realidade. O pensador Krishnamurti, da Índia, dizia que *não há amor quando nos baseamos em imagens* porque, segundo ele, *as imagens criam distância e dividem as pessoas.* Certamente, onde há essa distância há conflito. Ora, se as imagens são fonte de conflitos nos relacionamentos humanos, que sentido tem a divulgação de tais imagens ou símbolos?

Observando a vida de Jesus de Nazaré, ele não divulgou imagem de ninguém; nem mesmo do Pai. Na sua relação com as pessoas, ele mesmo era essa imagem, mas a ela não se apegava. Como ser humano, Jesus revelava no seu jeito de ser a presença eterna do Imensurável. Ele era inteiramente livre diante das instituições do seu tempo, e não

dava nenhuma atenção ao poder autoritário dos governantes, dos escribas, dos sacerdotes, nem dos monges que fugiam do mundo. Jesus é um homem do seu tempo, para seu tempo. Ele não foge da realidade. Mas está presente no meio das multidões, buscando entender os desafios que pervertem a interioridade do povo humilde. Jesus trabalhava os pobres por dentro e por fora. Por dentro, para que eles não ficassem condicionados, nem dominados pelas ideologias políticas e religiosas da tradição do seu povo, especialmente da classe dominadora. Por fora, para que eles se relacionassem uns com outros sem espírito de superioridade, mas como irmãos (Mt 20,24-28; 23,8; Gn 13,8).

O projeto de Jesus é anunciar a liberdade do ser humano, empobrecido pelo sistema perverso da mente egoísta. Sua pobreza mostra-se em dois níveis: interior e exterior. O homem empobrecido internamente é cego em relação a si mesmo, aos companheiros e a Deus. Esta cegueira o faz perder de vista o valor de si mesmo, dos outros e da vida. E empobrecido exteriormente pelas péssimas condições de vida, ele se sujeita a tudo para sobreviver, mesmo que tenha de matar o seu semelhante. Pobres e ricos estão nesse estado deplorável da mente. A mente egoísta, preconceituosa, discriminadora, tradicional, é impiedosa no relacionamento com seus semelhantes. Aliás, ela nem sabe o que venha a ser relacionar-se, porque ela, em si mesma, está isolada da vida. Segundo Osho, "relacionar-se com uma pessoa é relacionar-se com uma infinitude". Quando nos aproximamos de uma pessoa estamos diante de um mundo impenetrável. Mas quando o relacionamento é baseado no amor, então, em tal aproximação, na intimidade do coração, podemos juntos penetrar no mundo imensurável uns dos outros sem receio nem temor. Mas isso depende do amor verdadeiro. Cada ser humano é uma presença sagrada no mar da existência. Jesus de Nazaré via em cada ser humano uma "infinitude" do Deus vivo.

O projeto de Jesus visa essa realidade do ser humano como um todo. Para isso ele descobriu, por si mesmo, a pedagogia educadora do relacionamento. A base dessa pedagogia é o escutar sem preconceito, sem julgamento do que é certo ou errado; do que é puro ou impuro. O Deus de Jesus Cristo está muito além de tanta tolice de nossa mente, condicionada por séculos de história. Trabalhar o ser humano por dentro exige sabedoria, tato e amor. Neste sentido Jesus foi mestre. Não basta o discurso verbalizador, ideológico. É necessário ouvir o outro na sua totalidade. Isso requer atenção, paciência e amor total. Caso contrário, o discurso verbal pode acentuar sempre mais a reação negativa do ouvinte, ou o abismo entre quem fala e quem ouve. A função do discurso, ou a pregação da palavra de Deus, é criar uma certa sintonia entre pregador e ouvintes, a fim de que cada pessoa presente sinta-se estimulada a se modificar interiormente e, assim, possa agir com responsabilidade no relacionamento uns com os outros. As imagens que temos de Jesus nos ajudaram nesse sentido? Entrando no texto de Atos 3,1–4,22 queremos descobrir se as imagens que aí emergem, sobre Jesus, fortaleceram entre os cristãos a unidade e comunhão ontem e hoje.

O texto: Atos 3,1– 4,22

O nosso estudo tem como base Atos 3,1–4,22. Trata-se de uma unidade literária em estilo de discurso dirigido a *Israel*. O texto nos fala de *um homem paralítico de*

nascimento (3,2) que *tinha mais de quarenta anos* (4,2) e foi curado pelos apóstolos Pedro e João.

Tomamos esse texto, porque nele encontramos as principais imagens de Jesus, que queremos estudar. São imagens ou títulos que nasceram da fé na ressurreição (4,13-26). Elas são o suporte da fé dos apóstolos. Para eles, Jesus é *Senhor e Messias* (2,36; 3,18), *Servo de Deus* (3,13), *Santo e Justo* (3,14), *Príncipe da vida* (3,14), *o Nazareu* (3,6), *Profeta* (3,22) e *Filho de Deus* (9,20).

Na divisão do livro, o nosso texto faz parte do bloco que se refere à vida *da Igreja de Jerusalém* (1,12–5,42). Este discurso foi colocado na boca do apóstolo Pedro com a finalidade de confirmar a radicalidade da fé cristã: Jesus de Nazaré foi morto, mas o Deus vivo o ressuscitou dos mortos. Buscamos dividir a unidade literária em oito partes temáticas, que emergem de cada parte.

Divisão do texto

a) At 3,1-10: a cura de um paralítico de nascimento

Trata-se de um relato de milagre com a finalidade de comunicar, ao povo das primeiras comunidades, o poder da fé que vem do nome de Jesus. A cena acontece em público, à porta do Templo, que os apóstolos, como judeus, freqüentavam para a oração. Pela fé, eles dão continuidade aos atos libertadores de Jesus de Nazaré, em Jerusalém.

Vivendo de esmolas, o homem paralítico ali estava à espera dos "turistas", a fim de receber ajuda para sua sobrevivência. Mas Pedro com João vão romper o esquema tradicional que recomendava dar esmolas (Eclo 3,30; 7,10; Tb 4,12). Agora, eles vão revelar uma força nova no âmbito do Templo. Esta força é o *nome de Jesus Cristo, o Nazareno* (3,6), que faz o homem andar, saltar e louvar o Deus vivo dentro do Templo, e dentro da Vida. Este é o fato que deixa o povo admirado e assombrado. Por isso, Lucas põe na boca de Pedro um discurso teológico, que foi dirigido aos *homens de Israel* (3,12). Sua intenção é a de provocar nos ouvintes uma mudança de mentalidade.

b) At 3,11-16: o Deus vivo dos Patriarcas glorifica o servo Jesus

Neste discurso o autor do Livro dos Atos faz Pedro proclamar a ação libertadora do Deus vivo dos patriarcas, o qual manifesta seu poder glorificando *o seu servo Jesus* (v. 13). Mesmo tendo sido entregue e negado diante de Pilatos, agora Jesus é aprovado por Deus. Nesta parte estão concentradas quatro imagens sobre Jesus: Servo, Santo, Justo, Príncipe da Vida. Todas elas foram tiradas da tradição bíblica (Is 6,3; 41,14.16.20; 52,13; 54,5; Hab 2,4). Certamente a idéia básica é a de comunicar que o anúncio das Escrituras, sobre o Messias, se cumpriu em Jesus de Nazaré. Esta é a visão da fé cristã, mas para a fé judaica a realidade não foi bem assim, porque logo a elite do templo reagiu (4,1).

O conteúdo da pregação de Pedro sobre Jesus, com suas imagens, é polêmico e não convence as autoridades judaicas (18,13-15; 21,28-31; 24,5-9; 25,8; 26,21). Mesmo fazendo um forte apelo à conversão dos judeus, para que reconhecessem em Jesus

o Senhor e Deus, isso não teve muito sucesso. Mas teve sucesso entre os primeiros judeus convertidos e com os pagãos. Estes abandonavam seus ídolos e se convertiam a Deus, aceitando o caminho anunciado pelos cristãos (At 14,15; 15,19; 26,18.20; 1Ts 1,9; Gl 4,9; 1Cor 10,7.14).

c) At 3,17-24: da ignorância à conversão

Pedro faz um apelo ao arrependimento por causa do assassinato de Jesus de Nazaré, o qual, após sua morte e ressurreição, foi reconhecido pelos primeiros cristãos como Messias e Profeta. A respeito dele, acentua-se aqui o testemunho das Escrituras (Dt 18,15.19). Mais duas imagens sobre Jesus são destacadas – o Messias e o Profeta – que fundamentam o anúncio da morte e ressurreição de Jesus. A ignorância dos israelitas revela o desconhecimento do desígnio do Deus vivo, anunciado pelos profetas, segundo a mente cristã (3,18; 2Cor 3,14-16; Lc 24,25-27). Toda atitude de ignorância pode ser compreendida pela própria pessoa, se ela não se justifica mas toma consciência e muda de vida. Converter-se é fazer a descoberta da face do Senhor no outro e em si mesmo. É reconhecer sua cegueira sem medo. Esta descoberta é o novo de um caminho que faz a pessoa dar seu passo adiante: sair da ignorância à conversão, isto é, jeito novo de relacionar-se com Deus e com os irmãos.

d) At 3,25-26: os filhos da aliança podem receber a bênção do Servo de Deus

Pedro reconhece que os israelitas são filhos dos profetas e herdeiros da aliança. Ele que reafirma que a realização da promessa de Deus, através de seu servo Jesus, será "em primeiro lugar" para o povo de Israel. Mas para isso é preciso que o povo da bênção *se afaste de suas maldades* (v. 26). O povo da aliança ainda traz dentro de si mesmo o germe que bloqueia e impede a compreensão dos atos libertadores de Deus vivo na história. Afastar-se do mal é perceber o mal para, através dele, chegar ao bem. Para isso exige atenção sem reação. Com a experiência do dia-a-dia, o povo diz: "não há um mal que não traga um bem; ou não há um bem que não traga um mal". Onde há educação, há percepção libertadora da relação entre o bem e o mal.

e) At 4,1-4: a repressão não vence o poder da fé

As autoridades judaicas procuram reprimir o testemunho dos apóstolos. Mas a fé em Jesus ressuscitado faz com que eles não desanimem. O poder da fé não é o poder da crença. O poder da fé irradia luz, compreensão, coragem e firmeza no agir da realidade cotidiana. O poder da crença mete medo, cria ilusão, suscita insegurança e dúvida. O agir de quem se nutre de crenças será sempre uma fuga da realidade. As crenças nas Igrejas estão crescendo assustadoramente. Sem essas crenças, como eles sobrevivem? Quando a mente humana se alimenta de crenças ela se torna insegura, insensível, opressora e violenta. Qualquer sistema mental baseado na crença torna-se um perigo nos relacionamentos humanos.

Nota-se que o povo foi tocado pelo ensinamento sobre "a ressurreição dos mortos", e muitos abraçam a fé aumentando o número dos seguidores do Nazareno. Hoje tem crescido o número de "cristãos carismáticos", em várias Igrejas cristãs. Mas, nem sempre tal crescimento se dá por um processo de conscientização do valor dos pobres. Têm crescido também imagens negativas contra os empobrecidos: mulheres e homens indefesos, negros e índios e outros grupos marginalizados. As imagens que fazemos uns dos outros precisam ser compreendidas. Isto é importante para que não lancemos as mãos sobre uns e outros, e venhamos a prendê-los na prisão de nossas crenças ideológicas.

f) At 4,5-12: encontro e confronto com o Grande Conselho

Interrogados pela suprema sociedade de Jerusalém, os apóstolos enfrentam as mentes prepotentes e denunciam a agressividade e rejeição que elas manifestaram contra o Nazareno. Diante das ameaças recebidas, eles declararam sua fé no nome de Jesus e revelam profunda convicção de que Deus ressuscitou o seu Filho dentre os mortos (v. 10).

Com isso fica claro que todas as pressões psicológicas da sociedade e do poder religioso produzem em nós divisão, medo e insegurança. Nenhum povo ou comunidade de fé pode ser livre interiormente sob o controle de dogmas da mente política e da mente religiosa. Onde há dogmatismo não há liberdade. Crer na ressurreição de Jesus de Nazaré é libertar-se dos dogmas de qualquer sistema humano, que venha atrofiar o crescimento da liberdade interior de cada pessoa humana.

g) At 4,13-17: os simples confundem os fortes

Admirados com a coragem dos apóstolos, homens simples e iletrados, os membros do Conselho Superior ficam inquietos e decidem proibi-los de falarem sobre o nome de Jesus. Mas a consciência nova, que nasce da fé, não amedronta os fiéis do nome salvador. A fidelidade dos simples confunde os grandes e orgulhosos de coração. Ainda hoje as pessoas simples confundem bispos, sacerdotes, pastores e políticos, não tanto com palavras – até que muitas delas falam bem e com clareza – mas com suas atitudes de sensibilidade frente aos problemas de suas comunidades. Pelo contrário, muitas vezes nós é que deixamos o povo confuso com as nossas atitudes autoritárias, palavras sem alma e discursos idealistas, que nada dizem ao seu coração. Ser igreja no novo milênio não deve ser visto como um ideal para o futuro, mas, sim, como um novo relacionamento no presente eterno da vida. Se em nossas igrejas queremos caminhar *um ao lado do outro, de igual para igual*[2], aí está o nome de Jesus nos libertando, não amanhã, mas no hoje da salvação.

h) At 4,18-22: proibir não adianta

O Deus vivo criou-nos para a comunhão, participação e liberdade. O nome de Jesus é liberdade. Mesmo sendo proibidos de ensinar pela audácia de sua fé, os apóstolos não se deixam abalar. Eles deixam claro que nenhuma ordem de mentes autoritárias e confusas pode impedi-los de anunciar o nome libertador, porque este nome é vida e

2. Martin BUBER. *Histórias do Rabi*. São Paulo: Ed. Perspectiva, p. 508.

salvação para todos. Essa convicção os faz obedecer a Deus, e não aos incomodados, que não querem ouvir o nome, nem ver o espírito-liberdade dos simples. As igrejas do novo milênio são as mesmas do velho. Se elas vivem com a idéia fixa do não, não, não pode com relação às paixões do povo, à vida íntima das famílias, jamais serão testemunhas do espírito de liberdade do Homem de Nazaré. A tradição judaica revela um pouco o espírito de liberdade de Jesus. Por sinal era judeu (Jo 4,9). Assim, em relação à vida íntima das pessoas há um ensinamento de liberdade, como, por exemplo:

> *Não te aborreças com o teu gosto pelos seres e pelas coisas, não permitas que ele o enquiste nos seres e nas coisas, e sim por meio deles avance para Deus; não te rebeles contra teus apetites, mas prende-os e ata-os a Deus; as tuas paixões, não deves mortificá-las e, sim, deves deixá-las agir e repousar sagradamente em Deus"*[3].

Onde há proibição moralista, ou de qualquer natureza, não pode haver educação nem respeito nas relações humanas. Nenhuma instituição política, nem religiosa, tem o direito de violar a intimidade das pessoas. Por meio de Jesus, o Deus vivo faz os seres humanos existirem para viver no amor, na solidariedade, num relacionamento entre irmãos e irmãs, companheiros e companheiras, sem pressão de qualquer natureza. Porque cada ser humano, no palco da existência, é uma presença divina. Não deveria ser essa a postura do ser Igreja no novo milênio? A liberdade nos faz irmãos e irmãs!

O homem do milagre

É curioso que em Atos 3,2–4,22 o homem curado não tem nome nem fala nada. Ele simplesmente deu um salto, e entrou no Templo andando e louvando a Deus. De fato, quem é este homem que se apegou a Pedro e João? Que imagem Lucas nos passa desse homem? É realmente a de uma pessoa totalmente dependente dos outros por ser aleijado, coxo, paralítico de nascença. Eis a condição do homem: impotente, enfermo (4,9), com paralisia total na vida. Desde o seu nascimento até aquele momento, esse homem vivia totalmente paralisado, impotente. Agora ele é visto como libertado, livre, alegre diante de Deus e do povo. Fenômeno novo para alguém que nunca teve a possibilidade de andar. Mas é importante ressaltar que, na porta do templo, o homem ouviu o nome de Jesus. Ele entendeu que o Nome não era "prata nem ouro", porque isso passa, mas uma mensagem libertadora. Ele participa da bênção, isto é, recebe saúde, vida plena, pelo poder e autoridade de Jesus. Pois, pela fé no nome do Messias crucificado e ressuscitado dos mortos (3,16), o revigoramento de sua vida está no nome de Jesus que salva e liberta (Mt 1,21).

Qual é a sua idade? Lucas nos oferece uma chave: o homem tinha mais de quarenta anos (4,22). Este homem é um símbolo. No texto, Lucas faz referência a ele oito vezes 3,2.10.12.16; 4,9.10.14.22. Este número é muito importante na cultura judaica. O número oito, na cultura judaica, significa o tempo da plenitude com a vinda do Messias. Para Lucas, e os primeiros cristãos, este tempo teve seu cumprimento pleno em Jesus de Nazaré.

3. *Histórias do Rabi*, p. 22.

O homem curado não tem nome, mas tem vida. A imagem dele é a de um corpo que anda e entra no templo. Mesmo que o texto tenha sido escrito em grego, o autor traz na mente o sentido espiritual do verbo andar, no pensamento judaico. O verbo "andar", em hebraico, é *halak* que expressa a idéia de conduta humana e espiritual. O salmo 15,2 exprime muito bem essa idéia, isto é, só pode entrar no templo *o homem de conduta íntegra, que pratica a justiça e que diz a verdade como pensa*. Logo, não se trata de um caminhar físico, mas moral e religioso. Esta é a idéia abrangente do termo *halak*. Em Atos trata-se de um caminho de vida. Este caminho de vida foi abraçado por todas as pessoas que aderiram ao caminho cristão: Jesus de Nazaré, o Ressuscitado. Neste caminho há vida e salvação para todos.

O homem simboliza uma geração que vive manquejando sem rumo, sem clareza e enfrentando as dificuldades no tempo e no templo. Lucas deixa claro que *o homem tinha mais de quarenta anos* (4,22). Vemos, aí, um tempo simbólico. O homem representa as primeiras comunidades. Sua idade indica o tempo em que essas comunidades estão aprendendo a enfrentar os desafios do seu contexto existencial, do seu relacionamento com judeus e pagãos. Esse tempo ainda inclui o círculo existencial de Jesus e dos primeiros seguidores e seguidoras de um Mestre sem tradição condicionadora. Jesus não segue nenhum estilo da tradição. Jesus sabe o que significa a tradição. A tradição cega a mente e endurece o coração.

Jesus é um judeu (Jo 4,9). Ele pertencia a uma geração condicionada pelo fardo da tradição do seu povo. Um povo fixado a uma tradição política, religiosa ou cultural torna-se incapaz de caminhar com seus próprios pés. Na pregação apostólica, o Jesus pós-pascal foi aos poucos se afastando do Jesus de Nazaré. Ele agora passa a ser conhecido através de imagens da tradição religiosa de Israel. O Jesus pós-pascal é imagem daqueles que conviveram e transmitiram o que aprenderam com o Homem de Nazaré. Este pensamento precisa ser entendido. Não pretendemos fazer aqui uma divisão entre o Jesus de Nazaré e o Jesus da ressurreição, mas podemos ver uma diferenciação entre o real e o ideal.

Hoje, todos nós somos esse homem em busca de testemunhar o sentido vital da ressurreição. Não se trata de um testemunho com palavras e idéias bonitas, mas num jeito novo de relacionamento, onde somamos forças da mente e do coração, em vista de um caminhar juntos em comunhão e participação. Se não houver um caminhar juntos, o perigo permanecerá: o de cada igreja fechar-se em si mesma e apegar-se ao seu dogmatismo de idéias e opiniões, presas a uma tradição sem alma.

Pregação é fonte de unidade?

O texto é um discurso teológico para afirmar e convencer de que a ressurreição de Jesus é obra do Deus vivo. O primeiro discurso (2,14-40) está relacionado à manifestação simbólica do Espírito, que "encheu toda a casa" em Jerusalém (2,1-13). Pedro, animado pela força que vem do Espírito, dirige seu primeiro discurso aos judeus

(2,14-40). Ele fala a um "auditório judeu", respondendo que a visão "como língua de fogo" não é um estado de embriaguez, mas o cumprimento da Escritura, como dizia o profeta Joel (3,1-5). Mas o discurso de Pedro não convenceu muito. Toda a reação vem depois. Essa tem sido a natureza da mente: reação sem ação unitiva para o bem. Agora duas mentes estão em conflito: a mente cristã e a mente judaica. Ambas dizem-se com a mesma fé no Deus vivo. Será Deus fonte comum de divisão? Não! A fonte da divisão está na mentalidade de cada grupo humano, que proclama sua experiência de Deus como a única e absoluta. Isso gera a divisão. Quando a mente está fechada em si mesma, apegada a seus dogmas, idéias e teorias ela revela-se em constante reação, e em conflito permanente. Assim, nela não pode haver nunca uma fonte de bênção. A reação por natureza é contraditória. Por isso precisamos ter um certo cuidado para não absolutizarmos nossas experiências com relação às imagens que temos de Jesus, porque, certamente, elas vêm, através da transmissão oral e escrita, marcadas com essa contradição das duas mentalidades: a cristã e a judaica. Pela fé, ambas criaram suas imagens sobre Deus e sobre Jesus, mas, infelizmente, por causa delas se dividiram, e cada uma, ao longo da história, foi se justificando com seus discursos e tratados teológicos. Por isso, precisamos ser mais "sábios e prudentes" em relação aos símbolos e imagens em nossas igrejas. Os símbolos e imagens visíveis em nossas casas e igrejas geram imagens invisíveis em nossa mente. A qualidade dessas imagens está condicionada ao contexto histórico, cultural, religioso, familiar, de cada pessoa, grupo ou povo. No ontem e no hoje da história as imagens têm um poder de influência muito grande. Nossa reflexão não pretende combater imagens, mas visa despertar-nos para uma compreensão sobre o processo de formação dessas imagens em nossa mente. O comunicador da Palavra de Deus precisa, antes de tudo, saber que imagens ele está criando para propor ou impor seus desejos de mudança na vida das pessoas que constituem a sociedade, porque esta é um tecido social de relações humanas complexo. A imagem mental tem sua função, mas ela não pode ser supervalorizada. Se isso acontece, o nosso relacionamento com os outros ficará bloqueado por ela. Tal imagem sobre alguém precisa ser compreendida no contexto em que ela foi produzida pela própria mente. Caso contrário, nossa vida não passa de um campo de batalha, onde o relacionamento entre as pessoas fica sacrificado por causa das imagens que criamos uns dos outros. O anúncio da Palavra de Deus é vida. E a vida é relacionamento total entre Deus, Humanidade e Criação.

Imagens sobre Jesus

Estas imagens são chamadas de "títulos cristológicos", que vão aparecendo em todo o Livro dos Atos (2,27; 3,13; 7,52; 13,35; 22,14). Essas imagens nasceram da reflexão criativa da mente cristã, que buscava fundamentar sua fé na morte e ressurreição de Jesus. Mas, como vimos acima, isso criou conflitos com a mente judaica, representada na reação dos sacerdotes, escribas e fariseus, tanto no tempo de Jesus quanto no tempo dos apóstolos (4,1-3).

Estamos investigando sobre as imagens que se fizeram de Jesus e suas conseqüências. Com certeza elas provocaram mudanças em uns, e revolta em outros. Em geral as imagens que fazemos uns dos outros não representam a realidade. A vida é

muito mais profunda do que pensamos. Ela pode ficar registrada em vários livros, mas os livros são limitados. Eles apenas guardam momentos do passado, que revelam o nível de pensamento e de relacionamento entre as pessoas. Estudar qualquer texto sagrado é investigar sem julgamentos, sem preconceitos a estrutura de pensamento que nele ficou registrada. Isso pode nos ajudar a perceber o nível de relacionamento entre pessoas e grupos da mesma fé, ou de fé diferente.

1. O nazareno (At 3,6)

Quando Pedro diz: *em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, põe-te a andar*, o termo "nazareno" indica que Jesus era natural de Nazaré, pequena aldeia da Galiléia. Nos Evangelhos e nos Atos a palavra era com freqüência aplicada a Jesus e seus discípulos, mas logo caiu em desuso, sendo substituída por "cristãos"[4]. No início, os seguidores e seguidoras de Jesus eram reconhecidos como uma seita dos nazoreus, no meio de tantas outras[5]. Duas formas gregas são usadas para indicar a origem de Jesus: *nazarenos* e *nazoraios*. Os termos Netzeh, Natzir, Natzret têm o mesmo radical hebraico, que sugere a idéia de raiz, de rebento. O "Natzir" indica aquele que é especialmente consagrado a Deus (Nm 6,1-6). Mesmo que o termo tenha significado incerto, podemos ver que Jesus consagrou toda a sua vida pelo bem dos pobres. Podemos relacionar essa imagem à sua missão em toda a Palestina. Com Jesus, a vida se torna sagrada fora ou dentro do Templo. A vida das relações humanas é o grande santuário do Deus de Jesus. É neste santuário que Jesus se encontra diariamente para amar, servir, perdoar e adorar o Deus vivo *em espírito e verdade* (Jo 4,23). Como nazareno, dedicado aos pobres, ele despertou neles, e em muitos, o valor sagrado da vida.

2. O servo (At 3,13)

Esta imagem de Jesus como Servo do Senhor é encontrada na mente profética de Isaías. Para o profeta, o Servo de Deus é aquele cuja vida foi oferecida *em benefício das multidões* (52,13–53,12). A vida de Jesus foi marcada pelo seu espírito de dedicação a essas multidões de seu tempo. Ser servo é estar interiormente disponível para servir sem discriminação. Quem vinha até Jesus encontrava nele a presença de um homem acolhedor e amoroso, a ponto de dizer abertamente: *Quem vem a mim eu não o rejeitarei* (Jo 6,37). Jesus estava no meio dos seres humanos para fazer a vontade do Pai (Jo 6,38). Sendo "Servo de Deus e dos homens" em pessoa, ele servia e salvava, abrindo na mente das pessoas um novo horizonte na perspectiva do Reino da liberdade. Neste não há um poder central controlando a vida íntima de quem aderiu ao projeto do servo. No reino de Jesus, a fé é a máxima compreensão no relacionamento entre aqueles e aquelas que partilham e comungam de sua mística: o serviço sem discriminação. O reino do Homem de Nazaré não tem fronteiras nem se limita a nenhuma instituição política ou religiosa. Esse reino se caracteriza pelo relacionamento entre seus seguidores e seguidoras sem dominação. As igrejas primitivas se tornam sinais do reino se elas encarnarem, no seu contex-

4. Ver Hugo SCHLESINGER e Humberto PORTO. *As religiões ontem e hoje*. Ed. Paulinas, 1982, p. 191.
5. Ver Cadernos Bíblicos, nº 19, *Uma leitura dos Atos dos Apóstolos*, VV.AA., Ed. Paulinas, 1983, p. 50.

to histórico, as imagens de Jesus de Nazaré. Se tais imagens não geram unidade e comunhão, elas não passam de mera repetição mecânica de uma mente fragmentada, que só vive tagarelando palavras sem espírito e vida.

3. O santo (At 3,14)

Esta imagem é uma herança da tradição profética, especialmente do profeta Isaías: *É o Senhor de todo poder que tereis por santo* (Is 8,13; 1,4). Reconhecer a santidade de Jesus é apoiar-se exclusivamente nele e não no poder de quem o mandou matar. Quem mata ou manda matar revela o estado perverso da mente. Quando as primeiras comunidades afirmam que Jesus é santo, elas estão expressando publicamente uma convicção profunda de fé, e percebem que Jesus teve uma relação direta com "o Santo de Israel" (Is 1,4). Esta imagem da tradição bíblica em relação a Deus encontra-se nos Profetas e nos Salmos (Is 6,3; 41,14; Jr 50,29; 51,5; Sl 71,22; 78,41; 89,19; 2Rs 19,22). Não basta afirmarmos a santidade de Jesus com os lábios quando, no dia-a-dia, o nosso relacionamento uns com os outros não passa de um mero formalismo; quando nos tornamos insensíveis aos problemas sociais de um povo empobrecido, maltratado, violentado e reprimido por forças políticas e religiosas que, ideologicamente, usam o nome de Deus, ou de Jesus, para justificarem seus próprios interesses. Uma mente tradicional e dominadora falsifica o conteúdo vital da santidade. A história do cristianismo foi marcada por essa mentalidade. Será que hoje está diferente? Se a imagem do santo nos divide em igrejas fechadas, preconceituosas, discriminadoras e dominadoras, tal imagem não passa de projeção da mente fragmentada que vive iludida no jogo de palavras sem alma. Tal mente pode ser a minha e a sua, quando, em nossas igrejas, ficamos apegados a idéias e a opiniões dogmáticas.

4. O justo (At 3,14)

A imagem do ser justo está relacionada à pratica da justiça, do bem, no relacionamento humano. O elemento comum do que é justo é aquilo que aparece como modelo de vida, que integra a vida, e nela possibilita que todos possam viver sem desespero. Em Jesus de Nazaré o povo tinha essa possibilidade. Seu relacionamento justo, correto e sincero, com qualquer tipo de pessoa, fazia com que os excluídos e humilhados não se deixassem iludir com a hipocrisia do poder político e religioso. É bem provável que os primeiros cristãos viram em Jesus de Nazaré o que o profeta Jeremias pensava sobre o futuro de Israel. Colocando seu desejo na mente de Deus, diz o profeta: *Eis que dias virão – oráculo do Senhor – em que eu suscitarei a Davi um rebento justo* (Jr 23,5). O Homem de Nazaré soube viver com inteligência um relacionamento justo, cativante, a ponto de ajudar o povo a perceber que ser justo é simplesmente ser verdadeiro e viver o dia-a-dia sem hipocrisia; que a busca pelo direito e pela justiça exige sinceridade na mente e no coração de cada pessoa que luta pela cidadania. Uma mente justa não significa uma mente ajustada ou moldada a qualquer sistema político e religioso. Uma mente justa é livre, simples e humilde. Ela nunca se prende a conceitos, nem se apega a preceitos religiosos que condicionam e bloqueiam a liberdade do ser humano. Jesus de Nazaré foi essa mente. Ele viveu pela fé, isto é, por uma compreensão que ultrapassava as barreiras da mente tradicional do seu povo. Foi por isso que o chamaram de subversivo (Lc 23,5). Uma mente fixada em idéias e opiniões dogmáticas nunca pode ser justa, honesta, sensível ao novo do reino.

5. O príncipe da vida (At 3,14)

De acordo com a Tradução Ecumênica da Bíblia (TEB), a expressão significa, sem dúvida, que Jesus é o primeiro beneficiário da Vida. Reconhecer Jesus como príncipe da vida é, de fato, ver nele a vida em plenitude. A plenitude da vida foi vivida por ele, momento a momento. Jesus nunca fugiu do instante acontecendo. Para ele, o instante que passa é o momento eterno de Deus. É nesse momento que Deus se revela salvando. Aos seus ouvintes Jesus sempre chamava a atenção para esse momento, que é chamado de Hoje divino e eterno. Neste hoje divino, ele viveu intensamente de modo tão pleno que a vida se tornou, para ele, o espaço de tempo mais sagrado de sua relação com as pessoas. Na ótica de Atos e dos Evangelhos, ser "príncipe da vida" é viver fazendo o bem a todos sem acepção de pessoas. Para Jesus de Nazaré, a vida é sagrada. Será assim que vemos a vida? Nossos relacionamentos dia após dia têm revelado a sacralidade da vida? Como estudiosos da Bíblia, nossos estudos têm despertado em nós essa visão sagrada da vida, e a percepção profunda do que seja a nossa mente em sua totalidade? Precisamos começar por nós mesmos a viver, sem hipocrisia, a sacralidade da vida, observando, em nossos relacionamentos, se a vida tem prioridade nos mínimos gestos do nosso ser, como seguidores e seguidoras do Príncipe da vida.

6. O Messias (At 3,18)

Em hebraico, o termo "messias" significa ungido, consagrado. Em grego, é "cristo" com o mesmo sentido. Estudiosos do judaísmo dizem que

> *originalmente a palavra era uma referência ao sumo sacerdote, há-Koren há-Mashiah, que tinha óleo derramado sobre sua cabeça, quando era consagrado no seu cargo espiritual, como líder da comunidade. O Messias era alguém investido por Deus para uma responsabilidade espiritual especial*[6].

Segundo esses estudiosos, atualmente a crença num Messias varia nos três principais ramos do judaísmo. Vejamos como cada ramo conserva sua imagem do Messias que há de vir.

Os ortodoxos acreditam que o Messias é uma figura indispensável do drama divino de redenção. Para eles, antes que o Messias venha, o povo de Israel não será restabelecido na terra, e a sociedade não será redimida.

Os conservadores vêem a figura do Messias como um símbolo da convicção de que os homens são capazes de trazer a redenção divina ao mundo, quando servem de instrumentos de Deus. Num certo sentido, o homem é o Messias de Deus na medida em que ele usa suas potencialidades e esforços criativos dados por Deus. Efetivamen-

6. *As religiões ontem e hoje*, p. 177.

te, ele tem poder para progredir no sentido da sua própria redenção e tornar uma realidade o seu sonho messiânico.

Os reformadores rejeitam a crença de que a realização de um ideal depende de um indivíduo. Em vez disso, eles dão ênfase ao tempo messiânico, quando uma ordem social de paz, de justiça e de liberdade será estabelecida. Eles acreditam que a missão do povo judaico é assumir um papel de maior importância na educação moral da humanidade, prevendo assim atingir uma ordem social messiânica[7].

A visão desses três grupos não era diferente da visão dos judeus no tempo de Jesus: a expectativa era grande em relação à vinda do Messias de Deus. Para um punhado de judeus, Jesus de Nazaré foi o indivíduo que realizou as promessas anunciadas pelos profetas. Para eles o tempo messiânico se cumpriu plenamente na pessoa de Jesus. Mas o próprio Jesus não se deixou levar por essa tendência. Ele preferiu ser, ouvir e agir em silêncio. O segredo messiânico fazia parte da pedagogia de Jesus. Acolhendo, ouvindo, ensinando, servindo, perdoando e salvando as pessoas, Jesus inaugurava a era messiânica como tempo de graça e de bênção para todos (Mc 2,28). O projeto messiânico é vida para todos. Será que as Igrejas têm revelado a pedagogia libertadora de Jesus de Nazaré? A sacramentalização nas Igrejas tem fortalecido a fé ou a crença? Que imagens nossas liturgias têm passado para o povo? Essas imagens têm bloqueado o diálogo ecumênico? Precisamos ficar atentos e vigilantes com relação ao processo de formação de imagens e símbolos. Nem sempre isso tem ajudado na transformação da mente, do coração e, muito menos, das relações sociais no tempo de Jesus e no tempo de hoje.

7. O profeta (At 3,22)

Ver Jesus como profeta é resgatar a imagem dos profetas na história de Israel. Estes estavam atentos às diversas formas de corrupção, de suborno entre os israelitas. A tradição bíblica foi portadora do anúncio sobre o Messias, que viria para salvar o povo dos pecados da mentira e da corrupção. Jesus de Nazaré foi visto pelas comunidades cristãs como o verdadeiro profeta do Deus vivo, o qual tinha seu jeito único de abordar os problemas da vida. O profeta era visto como sendo Deus visitando o seu próprio povo (Lc 7,16).

Segundo Comblin,

> *cada profeta tem sua personalidade própria. Jesus também foi um profeta particular, único. Contudo a particularidade de Jesus tem mais importância do que a dos profetas que vieram antes dele. Pois Jesus é definitivo e os outros apenas preparavam o modelo vivido por Jesus*[8].

O modelo do ser e agir proféticos de Jesus torna-se importante, porque Jesus não se apegou ao estilo dos profetas antigos, nem se amoldou aos esquemas mentais dos que tinham papéis de importância no seu tempo, como o rei, os sacerdotes, os escribas, os fariseus e os monges. Jesus não assumiu, nem se identificou com algum desses papéis. Provavelmente identificou-se com o papel de profeta por revelar sua sensibilidade e compaixão para com as multidões, que *estavam como ovelhas sem pastor* (Mc 6,34). O profeta é porta-voz do Deus vivo; é pastor que cuida zelosamente do seu rebanho (Jo 10,1-18); é amigo que não esconde nada de seus seguidores, porque os ama (Jo 15,13-17).

7. *Idem*, p. 177-178.

8. COMBLIN, J. "Jesus Profeta", in *Estudos Bíblicos*, n. 4, p. 55.

De todas as imagens vistas até agora, certamente, a que mais representa o jeito de Jesus é a imagem de profeta. Pois, "ao viver humanamente o papel de profeta, Jesus orientou decisivamente todos os seus seguidores"[9] para o essencial da vida: relacionar-se com qualquer pessoa ou grupo sem pressão, nem julgamento. Assim sendo, em toda a sua vida ele revelou, no seu relacionamento com os pobres, mulheres, cegos, aleijados, crianças e doentes o que significa ser servo, santo, justo, messias. Nenhuma imagem ou título tem sentido quando bloqueia o relacionamento humano e espiritual entre as pessoas. Neste sentido Jesus foi um grande mestre. Com ele precisamos aprender muito. Para ser profeta não basta falar. O mundo está cheio de palavras vazias. É só ler nos livros e vemos aí pouca coisa que desperta para uma relação sem imagens, isto é, sem preconceitos, nem julgamentos. A força da profecia hoje não se verifica tanto nas palavras escritas, mas na mente e no coração de quem valoriza o relacionamento sem pressão psicológica. O outro é sempre uma infinitude de qualidades e precariedades. Na relação de pessoa para pessoa, cada uma é tremendamente importante como ser humano. Assim, onde dois ou três se encontram em nome do Deus vivo e, juntos, traçam caminhos de comunhão e participação, a voz da profecia continuará ressoando de coração para coração. Essa voz nunca foi, não é e nem será propriedade de uma instituição religiosa. Ela é voz do Espírito. E onde há Espírito, há liberdade e vida para todos.

Os conflitos das imagens

As imagens sobre Jesus geraram conflitos, guerras e mortes ao longo da história do cristianismo. Por causa dessas imagens ainda hoje estamos divididos entre católicos e protestantes. Tanto os católicos como os protestantes estão divididos entre si. Esta divisão foi, muitas vezes, justificada em nome de Deus e em nome de Jesus. São Paulo tinha razão quando afirmava: *Transformai-vos pela renovação de vossa mente* (Rm 12,2). Uma mente transformada está totalmente descondicionada, livre de qualquer imagem que possa bloquear as relações humanas. Precisamos resgatar a sacralidade do relacionamento. Esta foi a maneira mais viva que o Deus de Israel escolheu para se revelar. Sem relacionamento não há revelação. Perguntamos se as imagens sobre Jesus revelam o florescimento do Reino de Deus na pregação de Pedro, ou são imagens que justificam uma visão teológica sobre o nome de Jesus. Perguntamos ainda se o conceito "Reino de Deus" se transformou em especulação da mente, ou numa relação geradora de vida para todos em todos os tempos. Como viver o que significa Reino de Deus em nossos dias? Em hebraico, o termo *malkut* significa "reino", que "traduz a

9. *Idem*, p. 55.

idéia da dignidade e do poder soberano de Deus". Mas tal conceito só tem sentido quando é vivido, em forma de relacionamento, pelos filhos e filhas do Deus vivo, através do acolhimento, da bondade, da ternura, da cortesia e da compreensão de uns com os outros.

Estamos investigando se as imagens de Jesus nos Atos foram fonte de unidade na Igreja primitiva. Essas imagens nasceram da fé na ressurreição. A fé na ressurreição revela o grau de consciência que os apóstolos, homens e mulheres, tinham de Jesus de Nazaré. Essa consciência veio da relação diária que eles e elas mantiveram com Jesus, pelos caminhos da Galiléia. É dessa relação que nasce uma imagem de Jesus. Daí ser importante sabermos como nasce uma imagem entre duas ou mais pessoas. Segundo Krishnamurti,

> *meus relacionamentos baseiam-se na memória, nas várias imagens, representações, conclusões, que formulei acerca do outro e que o outro formulou sobre mim*[10].

É tão comum em nossa vida diária impressionarmos os outros com "as várias imagens" que temos de uma mulher, de um homem, de um amigo, de Deus, de Jesus, etc. Perguntamos se essas imagens têm gerado entre nós uma coesão sem fronteiras, um estado de unidade com a totalidade da criação divina. Nesta totalidade estamos nós seres humanos. Resta-nos saber se, como seres humanos, estamos desenvolvendo uma sensibilidade interior a ponto de não nos apegarmos às imagens que criamos uns dos outros, inclusive de Jesus. Porque, se tais imagens estão estragando as relações humanas, a nossa unidade entre as diversas igrejas, que sentido têm as imagens que propagamos sobre o Filho do carpinteiro de Nazaré?

Já faz dois mil anos que essas imagens vêm sendo transmitidas de geração em geração. O que, de fato, tem mudado em relação aos diálogos entre as igrejas cristãs e as religiões inseridas na imensidão da face da Terra? O que significa transmitir uma determinada imagem de Deus, de Jesus, quando entre aqueles e aquelas que as transmitem há conflitos intermináveis que resultam em desunião, brigas e violências verbais ou não verbais? Pois, quando há divisão entre imagens é inevitável o conflito. E é exatamente o que vemos ainda hoje, no mundo inteiro: o efeito dessa divisão. Por exemplo, judeus e árabes, hindus e muçulmanos, cristãos e judeus; e ainda entre cristãos: católicos e protestantes. Essa divisão está no seio das igrejas, das religiões. A verdadeira fé precisa levar o ser humano a conhecer-se mais na sua relação consigo mesmo, com os outros e com a natureza, num processo diário de aprendizagem pessoal, social e coletiva. Isso exige muita atenção de cada pessoa no meio social onde ela marca presença diária e constante.

A mente que está alerta, vigilante, percebe se essas imagens estão nos libertando de nossos preconceitos, julgamentos, dentro das igrejas cristãs. Se temos imagens negativas sobre as diversas igrejas, tais imagens se tornam barreiras à unidade cristã, ou melhor, ao ecumenismo. Faz-se urgente "uma mutação radical, uma revolução total na

10. KRISHNAMURTI. *Sobre Aprendizagem e o Conhecimento*. São Paulo: Cultrix, 1999, p. 80.

nossa maneira de pensar, de viver, de atuar"[11]. Para isso é fundamental que o relacionamento humano tenha como base o princípio do sentir-se semelhante; pois o mundo atual está cada vez mais se afastando desse princípio. O individualismo está provocando uma visão deformada e confusa do outro. Este é tido como um dessemelhante. Isso vem como uma ameaça àquele sentimento de que somos imagem e semelhança de Deus e dos irmãos e irmãs.

Ao investigar sobre tais imagens, queremos descobrir se elas contribuíram para a unidade da Igreja primitiva. Sabemos que um texto é um tecido de palavras, idéias e pensamentos, que transmite uma tradição. Será que o nosso texto não é artifício literário para justificar os atos dos apóstolos em nome de Jesus e do Deus das Escrituras? Duas mentalidades, a meu ver, estão presentes em Atos 3–4. A mente cristã e a mente judaica. A mente judaica se espanta e reage em relação à mente cristã, e, perante o espanto dos israelitas, a mente cristã se auto-afirma fazendo uso da tradição bíblica: *Torah* e profetas. As duas mentes têm a mesma fonte: as Escrituras.

Será que o anúncio do Evangelho, como Boa-Nova, tem em vista provocar o conflito? Se a finalidade do Evangelho é comunicar o amor, a justiça e a misericórdia de um Deus vivo na história, como justificar que os conflitos nos Atos ou nos evangelhos são indispensáveis para o crescimento e fortalecimento da fé, da esperança e do amor? Alguns comentaristas pensam assim. Se a Palavra de Deus é fonte de vida e liberdade, por que ainda hoje somos escravos dos conflitos internos e externos? Aqueles e aquelas que interpretam a Palavra de Deus precisam ficar mais atentos a si mesmos para perceberem se os conflitos, num determinado texto, não fortalecem e justificam seus próprios conflitos. Por que até hoje os comentários sobre os livros sagrados não libertam as pessoas de sua violência interior? É trabalho dos estudiosos lançarem luz no interior da vida humana. O mundo está cheio de palavras vazias sobre a vida. A vida está cada vez mais ameaçada. Toda ameaça à vida tem sua fonte na mente. Esta tem torturado o corpo e endurecido o coração do ser humano. Temos que investigar por que isso? Temos que examinar mais se os textos, sobre os quais trabalhamos hoje, não estão condicionados por um certo padrão de pensamento que não ajuda na libertação do ser humano em todos os tempos.

Conclusão

Vimos que o nosso texto concentra várias imagens acerca de Jesus. São imagens que vêm da tradição bíblica sobre o Deus de Israel. Para entendermos o significado da imagem de Jesus nos Atos se faz necessário investigarmos o que é uma imagem mental. Uma pessoa nunca é o que pensamos sobre ela. Cada ser humano é muito mais do que imaginamos sobre ele. O que pensamos sobre uma pessoa, um grupo, uma sociedade é um texto vivo e inacabado da mente. Este texto é uma imagem. E a imagem não é a realidade. A imagem é criação da mente. Uma mente deformada, condicionada produz imagens deformadas. E uma imagem deformada gera divisão. E onde há divisão há conflito. Conflito e divisão são fontes infindáveis de violência nos relaciona-

11. KRISHNAMURTI. *O mistério da Compreensão*. São Paulo: Cultrix, 1997, p. 51.

mentos humanos. A história humana está marcada por conflitos, que têm como resultado a morte das pessoas.

Aqui é que está o desafio para a fé cristã, que não é uma ideologia, mas uma compreensão lúcida da pessoa de Jesus como Homem e Filho de Deus. Fé não é ideologia nem crença, mas uma percepção, compreensão total dos atos de Deus através das pessoas. Qualquer ideologia, qualquer crença se torna fonte de conflito e divisão. A verdadeira fé nasce de uma fonte de energia eterna. Esta fonte nós a chamamos de Deus, o qual, na tradição hebraica, é o Imensurável, o Sem-nome (Ex 3,15). Desta fonte eterna nos vem a vida, a existência na qual vivemos. Desta fonte infinita nos vem a luz, para que possamos enxergar uns aos outros como semelhantes e semelhanças do Divino (Gn 1,27). Hoje vivemos num tempo em que o outro é visto como dessemelhante.

Investigamos o texto como um discurso bem elaborado, colocado na boca de Pedro, à semelhança do primeiro (2,14-36). O autor de Atos conhece muito bem a tradição hebraica e, por meio dela, busca justificar teologicamente os atos dos seguidores de Jesus de Nazaré, que anunciam o Evangelho em seu Nome. O texto condensa várias imagens sobre a pessoa de Jesus. Essas imagens vêm da fé para dinamizar a fé. Nenhuma imagem sobre Jesus é a realidade de Jesus. Jesus é muito mais do que qualquer imagem. Ele é o que ele é mesmo: um ser humano, chamado judeu, que veio para servir e não para ser servido. Esta parece ser a verdadeira imagem de Jesus: servidor de Deus e do povo. Se as imagens que temos hoje sobre Jesus não nos levam ao serviço de todos os seres humanos, que sentido tem o qualificativo cristão? Ser cristão hoje é testemunhar por nossa vida cotidiana que Deus é amor, que Jesus é vida para todos. Este testemunho só convence se nossas Igrejas se tornam espaço vital de relacionamento entre as pessoas. Relacionar-se pelo testemunho da fé em Jesus Cristo é aproximar-se das pessoas com um espírito vivo de comunhão e participação. Que nenhuma imagem que fazemos de Jesus, e uns dos outros, nunca venha bloquear nosso relacionamento humano. Porque, onde há relacionamento verdadeiro, aí o Deus-amor está eternamente presente. Onde há relacionamento sem hipocrisia podemos ouvir de Jesus: "Eu sou e estou no meio de vocês".

Anízio Freire
Caixa Postal, 21
53001-970 Olinda, PE
aniziofreire@zipmail.com.br